



O
CONDE *que Eu*
ARRUINEI

SEGREDOS DA CHARLOTTE STREET
LIVRO 2

SCARLETT PECKHAM

Título original: *The Earl I Ruined*
Copyright © 2018 por Scarlett Peckham
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia de Almeida
preparo de originais: Marina Góes
revisão: Melissa Lopes e Tereza da Rocha
projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão
capa: Aero Gallerie: aerogallerie.com
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P384c

Peckham, Scarlett

O conde que eu arruinei / Scarlett Peckham ; tradução Livia de Almeida. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.

288 p. ; 23 cm. (Segredos da Charlotte Street ; 2)

Tradução de: The earl I ruined

Sequência de: O duque que eu conquistei

Continua com: O lorde que eu abandonei

ISBN 978-65-5565-063-1

1. Romance americano. I. Almeida, Livia de. II. Título.
III. Série.

20-67377

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Queridos leitores,

Embora este seja um livro muito leve e divertido, ele contém recordações de um momento de agressão sexual e a revelação dos gostos eróticos de um dos personagens. Se você for sensível a esses temas, por favor, consulte as resenhas disponíveis.

*Para Chris,
que torna reais os sonhos mais selvagens
das mulheres malvadas.*



Capítulo um

Mayfair, Londres

Abril de 1754

Lady Constance Stonewell acordou com uma brisa fresca e primaveril, o canto dos pássaros entrando pelas janelas e a sensação de que estava, por razões que não conseguia recordar muito bem, incrivelmente exasperada.

Deixou-se cair outra vez sobre o vertiginoso monte de travesseiros de penas, irritada por estar acordada antes de seu horário habitual, ao meio-dia. Um pedacinho de papel saiu dos cabelos emaranhados e arranhou seu rosto.

Ela estreitou os olhos para a carta amassada. *Maridos em potencial para Gillian Bastian.*

Todas as razões para o mau humor que sentia ficaram claras de imediato.

Constance examinou os nomes que escrevera na noite anterior. Lorde Avondale. *Não, libidinoso demais.* Lorde Rellfare, *mal-humorado demais.* Sir Richard Voth, *pobre demais.*

Fez uma bola com o pedaço de papel e a jogou no chão, onde se juntou a uma pilha com outros nomes que ela havia rejeitado antes de adormecer. Viu no espelho o próprio rosto cansado e gemeu.

O desastre com o conde de Apthorp estava tirando seu sono e a deixando com um ar abatido. O que não era surpreendente: ela sabia que lorde Chato sempre poderia descobrir formas novas e criativas de drenar sua juventude e beleza.

Suspirou e se levantou da cama, passando a mão em uma mancha de tinta em uma das bochechas. Àquela altura, Gillian já deveria ter visto o poema e descoberto que lorde Apthorp não era o virtuoso espécime de hombridade que ele se esforçava tanto para simular. A amiga teria

que decidir se não se importava em se casar com um homem que gostava de coisas ilícitas e tinha uma queda pela hipocrisia ou se preferiria outra pessoa. Constance apareceria armada com uma lista de alternativas adequadas.

Era o mínimo que poderia fazer, depois de tê-la encorajado a conhecer melhor Apthorp.

A porta do quarto se abriu e um garotinho entrou correndo, vestido com uma camisola cheia de babados e usando a peruca empoada de um adulto.

Constance conteve o riso.

– Ora, bom dia para você, Georgie. Que penteado bonito está usando hoje. Vai fazer um discurso para juristas?

– Sou o lorde Asnotorpe! – berrou o pequeno, pulando na cama.

Ela soltou uma gargalhada. O filho de sua prima, de apenas 3 anos, sempre falara de modo peculiar, mas aquela era uma forma nova e bastante divertida de errar o nome de lorde Apthorp.

Constance endireitou a peruca na cabecinha cheia de cachos louros.

– O certo é *Apthorp*, meu querido, mas devo admitir que prefiro sua versão. E você está bem parecido com ele hoje. Embora ele não aprove que cavalheiros apareçam na frente de damas sem a roupa de baixo.

Pelo menos ele não admite isso em público.

– Sou Asnotorpe! – insistiu Georgie, pulando no colchão, o que fez a cabeça de Constance começar a doer.

– Já que insiste... Vamos procurar o homem em pessoa e perguntar o que ele acha do conjunto?

Ela jogou o roupão de seda sobre os ombros e sorriu para o reflexo no espelho. Apthorp via com maus olhos o costume de Constance de sair pela casa vestida com o robe de chambre. Provocar as sensibilidades pudicas dele era um dos maiores prazeres de sua vida, mesmo antes de ela descobrir que essas sensibilidades eram parte de um comportamento fingido e hipócrita.

Pegou a criança no colo e desceu o corredor na direção dos aposentos de Apthorp. Na verdade, Constance vinha esperando por uma desculpa para voltar a falar com ele desde que descobrira seu segredo. Mas ele mantinha um horário escrupulosamente madrugador, e ela quase nunca se levantava antes das badaladas do meio-dia. Fazia uma semana que não se viam.

Ela parou diante da porta.

– Aqui estamos nós – disse para Georgie. – Bata na porta.

A criança acertou a madeira com a palma da mão.

– Asnotorpe! – gritou.

– *Apthorp*, querido.

Ela esperou, perguntando a si mesma se ele pareceria diferente agora que ela sabia de seu segredo sórdido.

Ou se, de algum modo, *ela* estaria diferente aos olhos dele.

Não conseguia entender por que ele havia bancado o puritano por todos aqueles anos. Especialmente diante dela. Por circular no ambiente teatral, Constance mantinha relações de amizade com muitos canalhas desavergonhados. Colecionava protagonistas de escândalos como outras damas colecionavam fitas de cabelo e obras de arte.

Para o suposto horror de *Apthorp*.

Desde que o primo dele se casara com a prima dela, oito anos antes, ele se chocava com suas companhias, não deixando passar nenhuma oportunidade de considerar seus modos extravagantes e pouco dignos de uma dama. Colocava-se na posição de um futuro e solene estadista, suportando pesadas responsabilidades com postura perfeita. Bem diferente dela, a órfã frívola e escandalosa que gostava de organizar festas em vez de fazer trabalho beneficente e de colecionar mexericos em vez de grandes feitos. Ele não escondia que a via como uma criança travessa que exigia supervisão constante, caso contrário poderia acabar pendurada de camisola em um dos enormes candelabros da casa. Ou pior: poderia cobrir a família de vergonha com seus modos imprudentes.

E durante todo aquele tempo ele...

– ASNOTORPE! – berrou Georgie, chutando a porta com o pezinho.

Não houve resposta, o que fez Constance sentir ao mesmo tempo decepção e alívio.

Georgie riu da própria travessura, contorcendo-se no seu colo.

– Você é um garotinho muito danado, jovem lorde Lyle. Assim como essa sua prima Constance. – Ela deu um beijo ruidoso no pescoço do menino. – *Apthorp* deve ter descido para tomar café da manhã. Vou deixar você com a sua ama. Imagino que ela o esteja procurando. Assim como o pobre lacaio que, sem dúvida, deve estar atrás dessa peruca.

Encontraram a Sra. Williams na ala das crianças. A mulher mais velha virava o pescoço na direção de uma cacofonia que adentrava pela janela aberta, vinda da rua lá embaixo.

– Asnotorpe! – gritou Georgie com ânimo renovado, gesticulando para a rua.

A Sra. Williams deu um salto e fechou a janela rapidamente, o rosto da cor de um *sorbet à la framboise*.

– Lorde Lyle! Isso não é coisa que se diga. – A mulher balançou a cabeça num pedido de desculpas dirigido a Constance e tomou Georgie de seus braços. – Ah, meu Deus. Venha, vamos pedir desculpas ao pobre homem que ficou sem o cabelo.

Constance assumiu a posição da ama e, muito curiosa, abriu a janela para saber o que ela observava na rua.

Um vendedor de jornais reparou na sua presença e a saudou.

– O mais recente *Santos & Sátiros*, madame – disse ele, empunhando um jornal com uma piscadela maliciosa. – Lorde Asnotorpe e o pecaminoso...

Constance fechou a janela com violência e recuou.

Asnotorpe.

Ah, Deus. Georgie tinha ouvido aquilo na rua? Isso queria dizer que...

Não. Pressionou as têmporas com as pontas dos dedos. *Impossível.* Ela não pronunciara aquele nome em lugar nenhum. Enviara apenas para as damas que formavam seu público habitual e discreto, escrito em um código que somente elas poderiam decifrar.

É uma coincidência. Você está exausta pela falta de sono.

Mesmo assim, Constance desceu correndo a escada até o salão; precisava garantir a si mesma que estava imaginando coisas. Era bem cedo, e o sujeito em questão ainda devia se encontrar à mesa, balbuciando alguma coisa tediosa sobre irrigação ou falando de seu chá favorito. Com seus modos pacientes e condescendentes, provavelmente faria uma pausa naquela chaticice para lembrá-la de que não deveria aparecer para o desjejum sem estar vestida de maneira apropriada.

Ele seria o mesmo de sempre: *insuportável*.

Mas o assento de Apthorp na sala de jantar estava vazio.

Hilary, prima de Constance, e o marido dela, lorde Rosecroft, estavam à mesa sozinhos, em silêncio.

Parecia que alguém havia morrido. Alguém querido.

– Que manhã gloriosa! – exclamou Constance, esforçando-se para parecer animada embora sentisse as palmas das mãos úmidas.

– Acha mesmo? – Rosecroft olhou para fora com irritação, como se o bom tempo fosse uma afronta a seu péssimo humor.

Hilary fitou o prato de ovos. O que era estranho, porque no quinto mês de gravidez ela nunca ficava só olhando para a comida.

– Vejo que acordou excepcionalmente cedo – disse Hilary, por fim.

A voz soou rouca, como se ela tivesse chorado.

– Como ousa criticar meus horários? Sempre acordo com as galinhas – retorquiu Constance.

Esperou que um dos dois risse ou explicasse o que estava acontecendo, mas o casal apenas trocou um olhar aflito, daquele jeito que os casais usam para comunicar coisas terríveis sem falar.

Ela se obrigou a mencionar a cadeira vazia, onde Apthorp deveria estar sentado.

– Onde se encontra o jovem lorde Chato esta manhã? Apthorp nunca perde o desjejum. Ele gosta demais da própria rotina.

Hilary gemeu e pôs uma das mãos na barriga, como se ouvir o nome de Apthorp fosse tão perturbador que agitasse o bebê.

– Minha querida – disse ela –, temo que tenha acontecido uma coisa terrível. Veja bem, publicaram algumas calúnias muito desagradáveis sobre Julian num jornal.

– Mentiras – resmungou Rosecroft. – Mentiras vis inventadas por aquela gente de nariz em pé...

Hilary ergueu a mão para interromper.

– Por favor, James.

Constance engoliu em seco.

– Entendo. É sobre... as dívidas dele?

Por favor, que seja sobre as dívidas dele.

A situação de insolvência cada vez mais desesperadora de Apthorp era uma espécie de segredo conhecido por todos em Londres, mas jamais mencionado por alguém de bons modos. Um escândalo desse tipo poderia ser superado, e não tinha qualquer relação com o que ela escrevera.

Hilary suspirou.

– Os detalhes não são pronunciáveis. Basta dizer que estão circulando uns versinhos sórdidos e que são desonrosos para ele.

Rosecroft bateu com o punho na mesa.

– Não! Desonroso é o maldito canalha que foi capaz de escrever um lixo daqueles e não teve a decência de...

– *James* – repreendeu Hilary. – Assim você vai passar mal.

Talvez não tão mal quanto Constance se sentia. Ela sabia exatamente qual era o tipo de canalha capaz de escrever um lixo daqueles.

Ah, Deus. O que tinha feito?

Como aquilo tinha ido a público?

Tentou esboçar um sorriso reconfortante.

– Estou certa de que tudo isso vai passar bem depressa, seja o que for. Afinal de contas, a reputação de Apthorp não poderia ser mais imaculada. Ele é o homem mais entediante da Inglaterra.

Fora precisamente a chatice infame de Apthorp que causara aquela confusão. Fingir uma insipidez que ele não possuía no âmbito privado criava equívocos, a ponto de soar traiçoeiro quando o referido cavalheiro se apresentava como candidato ao ofício vitalício de marido. Não era raro a felicidade feminina ser diminuída pelos segredos que os homens da sociedade afirmavam ser muito difíceis para as delicadas damas suportarem antes de se casarem, quando já seria tarde demais para criar objeções.

Constance considerava ser sua obrigação corrigir esse desequilíbrio usando os meios de que dispunha.

Ou seja, os mexericos.

– Talvez Constance tenha razão – disse Hilary. – Talvez não haja necessidade de nos preocuparmos, James.

– O projeto de lei dele vai ser lido hoje na Câmara dos Comuns – retumbou Rosecroft. – Os malditos protestantes estão pessoalmente distribuindo jornais para todo mundo. Passaram a noite inteira cantando na frente do Parlamento. E com as eleições se aproximando...

Ele interrompeu a frase, como se a natureza terrível de suas palavras fosse óbvia demais ou trágica demais para merecer explicações.

Com um peso no coração, Constance percebeu que ele tinha razão.

Afinal de contas, ela apenas *fingia* quase desmaiar de tédio quando Apthorp discorria sem parar sobre a legislação a ser examinada. Constance

conhecia tão bem os detalhes do precioso projeto de lei que seria capaz de recitar o texto. Apthorp passara meia década concebendo aqueles canais hídricos – duplicando suas dívidas. Todo o seu futuro dependia da aprovação daquela lei.

Se não fosse aprovada, ele estaria arruinado. Total e completamente arruinado.

E a responsabilidade por sua destruição caberia a certa pessoa que por acaso dividia o teto com ele.

Exatamente como previra seu irmão, com considerável fúria, quando a proibira de usar boatos para guiar o destino na direção que desejava. Essa discordância desagradável tivera a ver com sua decisão de expor o caso dele com a florista em um jornal de circulação nacional, obrigando-o a se casar para preservar a honra dela.

Constance argumentava que o tinha salvado de um casamento terrível e sem amor com alguém de quem ele não gostava, possibilitando que o irmão agora desfrutasse de uma vida feliz ao lado da mulher de seus sonhos. Ele, por sua vez, argumentava que ela tratara do futuro de sua esposa como se fosse um jogo de azar, de um modo tão imprudente que beirava a crueldade.

Tinham concordado em discordar.

Ou melhor, deixando de lado sua famosa indiferença, ele havia gritado com ela com tanto vigor, durante tanto tempo, que Constance ficara preocupada com a saúde do irmão. *Você vai acabar destruindo a vida de alguém de forma irreversível com essas fofocas. Prometa que não voltará a escrever nem mais uma palavra. Por favor, Constance...*

E, claro, como ele era seu parente mais próximo, o homem que se encarregara, mesmo que sem muito afeto, de criá-la desde a primeira infância e a única pessoa cuja opinião importava, ela prometera.

Na ocasião, tinha sido uma promessa sincera.

O irmão então a perdoou pelo que havia feito e os dois fizeram as pazes. Mas não sem que ele guardasse certa cautela em relação ao caráter dela, e não sem que houvesse certas ressalvas da parte dela por ter sido qualificada como vilã, quando só tivera a intenção de ajudar.

E, a partir daí, toda vez que alguém mencionava notícias mais palpitantes do que as condições climáticas, ele fazia questão de lembrá-la que ela *não podia escrever sobre aquilo*.

Se descobrisse que Constance não apenas violara a única regra que ele impusera como também fizera isso às custas da reputação e do futuro financeiro de alguém muito próximo da família...

Ele nunca, jamais, a perdoaria.

O que significava que era preciso *consertar* a situação.

Com urgência.

Antes que ele descobrisse e ela perdesse a única família que lhe restava.

Mais uma vez.

CONHEÇA OS LIVROS DE SCARLETT PECKHAM

SEGREDOS DA CHARLOTTE STREET

O duque que eu conquistei

O conde que eu arruinei

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

